

A Realidade das Comunidades da IECLB como Desafio para a Teologia Praticada na Faculdade de Teologia

Ani Cheila Kummer

Na verdade, a própria história da IECLB se divide em duas partes: antes e depois da Faculdade de Teologia no Brasil. Até mesmo pela bagagem cultural européia trazida pelos pastores, que tem ainda hoje forte influência sobre nossas comunidades. Uma formação contextualizada deve vir mais ao encontro das perspectivas das comunidades.

A presença de alguém não-pastor neste simpósio merece destaque, pelo sinal de abertura de espaço, de participação direta que o leigo vem recebendo da direção da Igreja e em instâncias menores. Já existem comunidades onde esse engajamento é bastante freqüente, mas precisa ser ainda mais trabalhado. Talvez seja uma questão de tempo.

Seguidamente ouvimos termos como: “Igreja sacerdotal, toda ela sacerdotal”. Este, se há um modelo, é o ideal. Significa, enfim, viver o nosso Batismo. É uma consciência que está se firmando (graças a Deus), e a participação de leigos nas atividades da comunidade é de suma importância. É preciso acontecer o contágio, aí acontece missão. As perspectivas dos leigos já atuantes são de que cada vez mais membros se alistem a este desafio e superem as dificuldades que a mudança exige, pois toda mudança traz consigo incertezas e inquietações, e nós estamos vivendo tempos de mudanças, sem dúvida.

Sim, sente-se uma certa crise na Igreja. Cultos com pouca freqüência, grupos de trabalho em baixa... Está na hora de reavaliar o que está acontecendo, o que temos a oferecer. Da teologia da Faculdade pouco ou nada se sabe, mas sabemos da Faculdade da vida, da experiência do dia-a-dia da comunidade. As pessoas vêm porque sentem que ali tem algo especial. É tempo de rever o nosso jeito de ser Igreja, o que temos a oferecer. Será que esse nosso jeito de ser está agradando aos de fora?

Queremos ser uma Igreja presente, participativa, criativa, e para isto é preciso sair da redoma, ir e falar do que fazemos, testemunhar a fé na participação e no cumprimento das tarefas. Saber lidar com os sentimentos (sensibilidade), conviver. Por isso a visitação é o ponto alto de toda tarefa. Pois Jesus Cristo andou sempre no meio do povo e foi de encontro às suas necessidades com gestos de amor espontâneo.

A simbologia, a ilustração são muito importantes, expressam de forma clara e fácil a mensagem que se quer transmitir.

A atuação dos leigos depende muito do pastor, da abertura (espaço) e do suporte que ele dá. Embora seja mais trabalhoso, não tem outro jeito. O membro aprende fazendo, principalmente considerando seu baixo nível cultural. E dessa atuação depende o futuro da Igreja.

Há muitos pastores que, quando assumem seu primeiro campo de trabalho, têm dificuldades em lidar com grupos como Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), Juventude Evangélica (JE), Legião Evangélica (LE)... e, por não saber fazer, não apóiam o trabalho ou certas iniciativas. Talvez fosse oportuno dizer que a Faculdade de Teologia deveria dar mais ênfase ao preparo dos estudantes nessa área.

Há aqueles pastores que se desestruturam com a interferência dos líderes leigos. Não estão preparados para ver o “seu trabalho” feito por membros (e vice-versa). Isto pode significar uma perspectiva diferente para os luteranos viverem sua fé cristã de maneira mais autêntica, sacerdotal e significativa.

Martim Lutero fez uma grande descoberta: “O justo viverá por fé.” Nós hoje estamos talvez não descobrindo, mas dando uma nova ênfase ao “sacerdócio geral de todos os crentes”. Este é, acredito, o caminho para definirmos novos rumos para nossa Igreja, pois seu futuro depende da participação de todos. Aliás, eu mesma muitas vezes me pergunto: por que ainda somos luteranos? Como numa construção, todos são importantes e necessários. Há muitos membros motivados e animados a pôr a mão na massa, embora ainda timidamente. Há muito potencial, mas o medo de arriscar é um entrave.

É preciso preparação e tempo. São necessários cursos como os do Instituto de Capacitação Teológica Especial (ICTE) e seminários, mas também a descentralização. Ir lá onde o membro se encontra. Isto sugere movimento, uma Igreja a caminho, que vai lá onde o membro se encontra. Membros afastados pelos mais diversos motivos, membros na diáspora, inertes. De certa forma, todos eles estão esperando. Querem ser buscados. Pastor de gabinete ou do sistema “vinde a mim” não serve mais, bem como o mestre de cerimônias ou o “pastorcêntrico”. Comunidade é tarefa conjunta de pastor e membros. Aí também com relação à contribuição haverá novo ânimo, pois até aqui a maior preocupação do presbitério tem sido o suporte financeiro.

A timidez, o medo de arriscar, o pouco estudo são fatores inibidores que precisam ser vencidos. Isso acontece na animação e na participação. Na busca e na valorização de cada um.

Nossas raízes estão na Reforma. Deveríamos estudar mais sobre Lutero para entender melhor nossa IECLB e saber identificá-la melhor. Lutero entendeu o despojamento da vaidade e do orgulho e por isso ele incomoda, porque derruba

nossa individualidade. Ser Igreja é trabalho em equipe, é dividir tarefas, é pegar junto, resgatando o ser Igreja da época de Cristo dos apóstolos.

Em última análise, a comunidade é que é o mais importante. Seus membros e sua realidade. É ali que deveria se desenvolver um programa mais ágil, convincente, envolvente, que promova missão, integração. Esta deveria ser uma meta prioritária, pois dali surgem os líderes.

A TV toma grande parte do tempo e é talvez a maior concorrente. Por isso o jeito de ser e viver comunidade precisa ser repensado, articulado e vivido na participação de todos os membros, despertando potencialidades, dando oportunidade de participação com jogos, teatro, gincana. A partir dessa experiência teremos comunidade mais participativa, vibrante, celebrativa.

Para os membros, lá na base, não importa estrutura, interessa o que move a comunidade. Um programa de fato integrador. Não só descobrir e despertar potencialidades, mas também absorvê-las e motivá-las, dando oportunidade de participação, não só de quebra-galho, mas efetivamente.

A mudança do mundo que nos rodeia exige mudanças dentro da Igreja (equilíbrio de espaços).

Arriscaria dizer que a IECLB e seu futuro dependem de quanto os membros se importarem com ela. Eu só posso me importar com aquilo que amo. E só posso amar aquilo que conheço. O que nos move, em última análise, é o amor a Jesus Cristo, bem como o amor à comunidade e à Igreja.